

Vila Real de Santo António

no I Centenário do seu fundador

José Carlos Vilhena Mesquita

Por iniciativa de um grupo de estudantes universitários, de Lisboa, Coimbra e Porto, celebrou-se por todo o país; em Maio de 1882, o I Centenário da morte do Marquês de Pombal, que teve o apoio expresso não só do Estado e entidades oficiais, como ainda do comércio e da indústria nacional.

O rasilho foi acendido na sede da Associação Académica de Lisboa, em Janeiro de 1882, através da eleição duma comissão promotora que pouco tempo depois, a 28 de Abril, seria substituída por uma outra de carácter oficial presidida pelo “Sampaio da Revolução”¹. No dia 5 de Maio ficaria definitivamente aprovado o programa oficial das comemorações iniciando-se os seus trabalhos pela fixação do 8 de Maio – aniversário do desaparecimento do grande estadista – como data festiva e de gala pública em todo o território nacional.



Alegoria da glória do Marquês de Pombal, grav.anónima,BNL

Como era de prever, as forças políticas afectas à Maçonaria e ao Partido Republicano, que já havia dado conta de si nas anteriores comemorações do III Centenário da morte de Camões, apressaram-se a vir a terreiro enaltecer a figura política do “Nero, português”². Estaria possivelmente nos propósitos dos republicanos o despoletar duma onda anticlerical, especialmente antifreirática, semelhante àquela que o Marquês pôs em execução durante o seu consulado e que desembocou na expulsão dos Jesuítas. Além disso, o Marquês assume na História de Portugal a feição dum grande reformador, dum espírito esclarecido e aberto que não só incrementou o Ensino, a Agricultura, a Indústria e o Comércio, como ainda teve o mérito de libertar a escravatura e a açaimar a Inquisição. Por conseguinte, tratava-se duma figura ideal para um aproveitamento político dos republicanos contra o conservadorismo aviltante dos situacionistas. Receando que tal acontecesse, o governo proibiu que nos cortejos comemorativos se incorporassem quaisquer associações republicanas, a fim de evitar que a figura histórica de Pombal funcionasse como mais um “cavalo de Tróia” nas mãos dos abnegados defensores do regime antidinástico.



Monumento erguido ao Marquês, uma referência na cidade de Lisboa

Curiosamente, ainda antes de se marcar a data oficial das comemorações ou de se ter nomeado a comissão oficial responsável pelas festividades, já Vila Real de Santo António se preparava para prestar ao seu fundador as devidas honras. E não se tratava de qualquer favor, pois como muito bem dizia um seu natural.: «*Prestar homenagem às virtudes cívicas d'aquelles que contribuíram para o progresso e civilização dos povos, é pagar um tributo de reconhecimento e gratidão. Solemnisar o*

*centenário dos grandes homens, dos beneméritos da humanidade, dos que fiseram o assombro do mundo pela grandesa do seu genio, pela elevação do seu character ou pela fecundidade dos seus esforços quer na ordem moral quer na material, é mostrar que na consciencia do povo existe esse nobilissimo sentimento de admiração por tudo que é digno e grandioso».*³

Na altura das comemorações era presidente da edilidade vilarealense o Sr. Jacintho José d'Andrade, que teve como primeira iniciativa a emissão de um convite dirigido à classe comercial daquela vila, cujo teor passo a citar:

«Illmos. Srs. - Julgando interpretar os sentimentos da classe commercial, sem duvida a mais prestante nesta localidade, resolvi convocar os cavalheiros que fazem parte da mesma com o fim de se nomear uma commissão, que tracte da elaboração d'um programa para os festejos do centenario do immortal fundador desta villa, o Marquez de Pombal, e bem assim da sua execução.

Quando a capital do reino se prepara para celebrar condignamente a commemoração d'uma data tão gloriosa, como a do proximo dia 8 de Maio, pagando assim uma divida de gratidão ao portuguez benemerito, ao estadista eminente, reformador arrojado e sabio, e particularmente aquelle que d'uma cidade em ruinas fez ressurgir ao sopro fecundo das suas poderosissimas faculdades, uma cidade nova mais rica, mais bella e mais digna de ser a capital d'um reino não poderão os descendentes d'um povo creado e organizado pelo influxo poderoso da vontade d'aquelle homem illustre entre os mais illustres, e habitantes d'uma terra cuja fundação igualmente foi devida à sua poderosa resolução, não poderão deixar passar esse dia sem honrar condignamente a gloriosa memoria desse gigante do seculo 18.º a quem tanto devemos.

Appelando, pois para a classe a que muito me honro de pertencer, faço a justiça de acreditar que este apello será por todos acolhido com a precisa boa vontade, provando-se assim que não somos indifferentes aos festejos que se preparam em todo o reino.

Espero, portanto, que V.^{as} S.^{as} se dignarão comparecer na sala da camara no dia 16 do corrente pela uma hora da tarde, onde terei a honra de os receber. Deus Guarde a V.^{as} S.^{as} Villa Real de Santo Antonio, 14 de Abril de 1882. Jacintho Jose d'Andrade».⁴



Postal antigo de VRSA, vendo-se a marginal do Guadiana, com a doca e as fábricas de conservas ao fundo; deve datar dos primórdios do séc. XX

presencialmente, cerca de doze representantes. O presidente, que já havia sido aconselhado a dirigir os trabalhos, resolveu em reunião de câmara nomear uma comissão que procedesse à elaboração dum programa festivo à altura do relevo, que a figura política de Pombal assumia, não só na historia nacional como especialmente na consideração das gentes vilarealenses, que ao seu esforço e dedicação ficaram devendo a reedificação da sua vila.

Dessa reunião camarária, que contou com a presença do administrador do concelho, Sr. José Vicente do Carmo, ficou estabelecido que a comissão promotora seria composta por onze membros, cuja identidade ficou lavrada na acta que transcrevemos em *Apêndice*. O ofício que ficou combinado enviar a todos os membros da comissão foi nessa mesma tarde expedido e compunha-se .da seguinte mensagem:

«Illmo. Sr. - A camara a que presido, deliberando em sua sessão de hoje solemnisar o centenario do Marquez de Pombal, a cuja poderosa iniciativa esta villa deve a sua edificação, resolveu nomear uma commissão composta de onze membros que se encarregasse da elaboração do programma e execução dos festejos. Para esta comissão

Ao repto responderam na globalidade os homens do comércio, a elite económica daquele conceituado entreposto comercial transfronteiriço. Em todo o caso, ao chamamento apenas responderam,

*V. S.^a foi eleito e por isso venho pedir-lhe o especial obsequio de comparecer amanhã pelas doze horas do dia na sala da camara a fim de se constituir definitivamente a comissão e tractar-se logo do programma dos festejos. Deus Guarde a V. S.^a - Villa Real de Santo Antonio, 22 d’Abril de 1882. O presidente da camara, Jacintho Jose d’Andrade».*⁵

No dia imediato reuniram-se no Salão Nobre da Câmara os membros da Comissão de



Praça do Marquês de Pombal, em VRSA, nos anos quarenta do século passado

Homenagem que, em seguida, procederam à eleição dos cargos executivos, daí resultando a nomeação do Sr. Jacintho José d'Andrade para o lugar de presidente; do Sr. João Rodrigues Aragão⁶ para as funções de

secretário e do Sr. Joaquim Pedro Parra para a incumbência de tesoureiro, ficando os restantes membros como vogais. Seria igualmente estabelecido que as reuniões passariam a ser diárias, visto estarem a cerca de duas semanas da comemoração do centenário e haver, por isso, necessidade urgente de se dar total cumprimento ao programa festivo, que ficou precisamente lavrado na acta desta reunião - o qual transcreveremos em *Apêndice*. Além disso, ficou assente que se convidariam as entidades oficiais, civis e militares, os parceiros sociais e as organizações de base, para se incorporarem nas comemorações, oferecendo cada um o contributo que estiver ao seu alcance. O programa dos festejos foi nesta reunião aprovado e enviado para os órgãos de informação regional e também para a Comissão Académica de Lisboa.

Na sessão do dia 25 ficou acordado, promover uma subscrição pública, a qual tinha por objectivo reunir fundos para o início dos trabalhos da construção dum hospital que, na circunstância, tendo em linha de conta as comemorações oficiais, se denominaria Hospital Marquês de Pombal. Por conseguinte, era este o momento áureo dos festejos a ter lugar, como é evidente, no dia 8 de Maio, aniversário da morte do homenageado.



Postal antigo, vendo-se a Igreja Matriz no centro da praça do Marquês

Simultaneamente, a comissão promotora achou por bem convidar para tomar parte nas comemorações dois dilectos vilarealenses: o Dr. José Francisco Guimarães⁷ e o Padre Bernardino Álvaro dos Santos Mirabent Pessanha.⁸ Todas estas determinações ficaram exaradas em acta, e como tem sido nosso

costume transcrevê-las em *Apêndice*, o texto da mesma consta integralmente no final deste trabalho.

Como as personalidades convidadas aceitassem comparecer aos actos solenes, o Presidente da Câmara, em face disso, propôs que o Dr. José Francisco Guimarães, fosse nomeado presidente honorário da comissão promotora do centenário do Marquês de Pombal. Esta resolução, que não deixa de ter a sua importância histórica, reflecte perfeitamente a força carismática que o Dr. Guimarães exercia sobre as gentes do Sotavento, muito embora se pudesse objectar que, em certa medida, delas se encontrava afastado visto residir em Faro, onde aliás era também uma das mais conceituadas personalidades da sociedade local. A proposta foi aprovada por unanimidade e a acta lavrada nesta reunião poderá ser lida no respectivo *Apêndice*.

Relativamente aos festejos, eles distribuíram-se pelos dias 6, 7 e 8 de Maio. Todavia, houve logo alterações ao programa, já que se anunciara como primeiro acto oficial a

inauguração do retrato do Marquês de Pombal, na qualidade de fundador da vila. Efectivamente, só no último dia é que se daria cumprimento a esta determinação programática. Tudo isto derivado do facto de em Lisboa não despacharem o quadro atempadamente, talvez por não acreditarem que as comunicações com a foz do Guadiana se faziam à distancia superior a 48 horas.⁹ De qualquer modo, à noite, a praça central, que tem o nome daquele estadista, estava toda iluminada, assim como o obelisco e muitas outras residências circunvizinhas.¹⁰ Cerca das 21 horas iniciava-se o sarau literário-musical, que teve como palco o Salão Nobre dos Paços do Concelho. Ao centro da sala encontrava-se a mesa destinada aos palestrantes, ladeada à sua direita pela orquestra e à esquerda pela comissão executiva. À volta da sala fixaram-se dezenas de cadeiras para o público, que em boa verdade acorreu em grande número, não só cavalheiros como muitas damas da vila e de fora do concelho; que foram em grande parte especialmente convidadas para o acto solene de abertura das comemorações.¹¹ Meia hora depois inaugurava-se solenemente o sarau.

O primeiro a usar da palavra foi, na sua qualidade de presidente honorário da comissão executiva, o Dr. José Francisco Guimarães, que justificou o facto de não se abrirem as comemorações através da inauguração do retrato do Marquês de Pombal por o mesmo haver sido tardiamente expedido



Pombal expulsando os Jesuítas (1766), por Louis-Michel van Loo

de Lisboa. Igualmente agradeceu a honra com que os seus conterrâneos o quiseram distinguir ao nomeá-lo presidente honorário da comissão, ao mesmo tempo que analisava o objectivo cultural que aquele sarau se propunha atingir no âmbito das comemorações nacionais do I Centenário do Marquês de Pombal. Seguidamente, os

trabalhos repartiram-se intercaladamente pela música clássica e pelas anunciadas conferências sobre a acção política económica e social do homenageado.

Assim, a primeira peça musical foi o *Barbeiro de Sevilha*, que teve como executantes, amadores já se vê, na flauta o Sr. José Ribeiro Alves¹², nos violinos os Srs. José de Deus Ribeiro Garcia e Henrique Firmo Rodrigues, no violoncelo o Sr. Angelino Simplício Franco, no piano o Sr. João Guerreiro da Costa Júnior, que por sinal também era o maestro, e por fim no baixo o Sr. Francisco António Rodrigues.

À música sucedeu a palestra, do Sr. Joaquim Freire Pires¹³ «...*que se occupou largamente da vida do marquez de Pombal, com estylo pomposo e phrases elevadissimas, sendo por vezes interrompido com significativos applausos da assembléa*». Terminada a conferência voltou a actuar a orquestra dirigida e ensaiada pelo maestro João Guerreiro da Costa Júnior que executou a *Ala Polaca de la Serenade* de Beethoven para flauta, violinos, violoncelo e piano. Foram ainda tocadas pelo maestro algumas divagações melodiais obrigadas a saxofone por Manuel Firmo Rodrigues, tendo por acompanhamento flauta, violino; violoncelo e piano.

À conferência do Prof. João Rodrigues Aragão, que não teve grandes primores, seguiu-se a *Ária dos Puritanos*, extraída da ópera com o mesmo nome, «*obrigada ao primeiro violino Garcia, e acompanhada pela sua discípula e prima a Exm.^a Sr.^a D.^a Maria Ramos Ramires Garcia, que se houveram com verdadeira mestria*». De imediato teve lugar a conferência do Dr. José Francisco Guimarães «*que começou com estylo elevado a arrancar do público repetidos e calorosos applausos*». No semanário regenerador *O Districto de Faro* lia-se a este respeito a seguinte apreciação: «*O nosso dilecto e illustrado amigo sr. bacharel José Francisco Guimarães associou-se a tão eloquente manifestação, prestada pela sua terra natal à memória do eminente estadista, tomando parte nos festejos e proferindo no sarau (...) uma oração brilhantissima, que o*

*auditorio acolheu com as mais vivas, cordeas e estrepitosas demonstrações de um justo e merecido apreço».*¹⁷

Após a palestra do Dr. Guimarães, seguiu-se uma «*fantasia sobre motivos da ópera comica «Il Duchino», de Lecok para piano, executada primorosamente pela sr.^a D.^a Maria Barbara Machado Guerreiro».*¹⁸ Do maestro Costa Júnior foi ainda tocada uma fantasia para flauta e piano que teve igualmente o acompanhamento de sua esposa D.^a Maria Bárbara.¹⁹

O último dos oradores a usar da palavra foi o jornalista, escritor e actor de teatro, José Lorjó Tavares²⁰, ao tempo empregado do consulado inglês, que para evitar de “meter os pés pelas mãos”, de incorrer em possíveis “buracos de memória”, como acontecera ao Prof. Aragão, resolveu muito cautelosamente ler a sua palestra em vez de a declamar como tinham feito os seus antecessores. E, na verdade, «*este facto nada desmereceu o merecimento do trabalho d'aquelle festejado escriptor».*²¹ Terminada a intervenção do jornalista Lorjó Tavares, encerrou-se o sarau com mais duas peças musicais, da autoria do maestro Costa Júnior, intituladas *Misture* e *Mande* em estilo de ária e cavatina²², destinada a violoncelo e flauta, com o acompanhamento indispensável dos violinos e piano. A fechar executou-se uma fantasia para flauta e piano intitulada *Devaneios*, as quais «*foram com toda a justiça muita festejadas».*²³ Passava já da uma hora da noite quando se deram por findos os trabalhos e se encerraram as festas do Salão Nobre da Câmara.

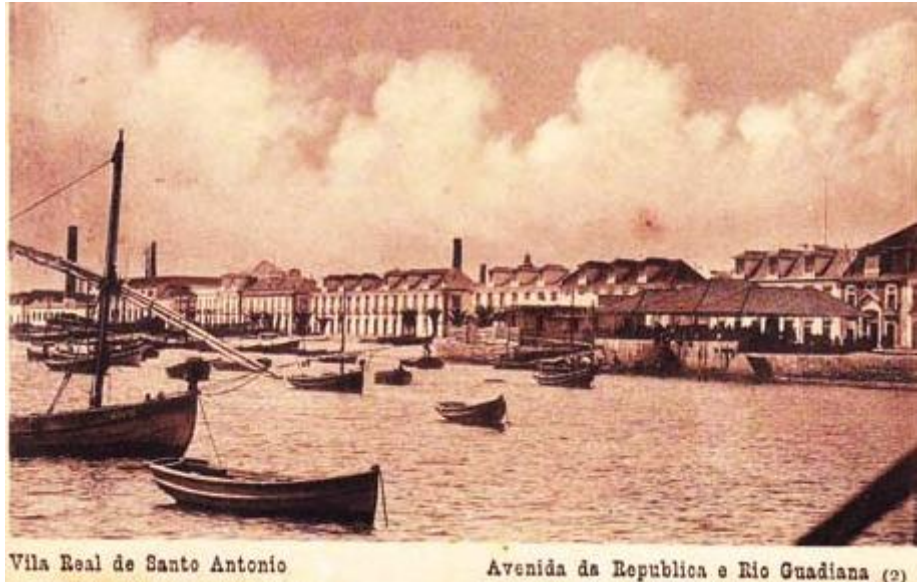


José Lorjó Tavares

No dia imediato, por volta do meio dia, teve lugar no edifício dos Paços do Concelho, e na presença de numeroso público, a distribuição de um bodo a cerca de 200 pobres. Acompanhando este acto tão «*comovedor e imponente»*²⁴, a filarmónica Marquês de Pombal executou várias composições musicais sob a orientação do seu regente Sr. João

Guerreiro da Costa Júnior. O bodo, que se compunha de um quilo de pão, 500 gr. de arroz, 400 gr. de carne e 100 gr. de toucinho, foi gentilmente distribuído pelas meninas D.^a Maria Ramos Garcia Ramires (a mesma que no dia anterior acompanhara ao piano a Ária dos Puritanos), D.^a Adelina do Carmo Machado, D.^a Laura da Encarnação Silva e D.^a Christina Mestre Cumbreira.

À tarde, cerca das 4 horas, realizaram-se no rio Guadiana as regatas de escaleres, que decorreram mesmo em frente da vila. *«O rio estava sereno. Centenares de pequenos barcos se cruzaram de um para outro ponto, levando*



*familias que de perto queriam presenciar essa pugna maritima. Todos os navios embandeiraram. Uma imensa multidão cobria toda a praia na frente da villa, e as janellas dos edificios da mesma frontaria da villa estavam completamente cheias de senhoras».*²⁵

As regatas que foram dirigidas pelo piloto mor, Francisco António da Silva, tiveram como participantes os seguintes escaleres de 4 remos:

Emily - propriedade do Sr. John A. Parkinson.²⁶

Pimpão - da delegação da Alfândega.

Regent - de Alfonso Gomes.

Acácia - de Francisco Lorjó Tavares.

Guadiana - de James Mason.²⁷

Viola - de João Viola.

A distância a ser percorrida pelos participantes era de cerca de 600 metros, entre a partida e a linha de chegada que se situava frente à vila. O prémio pecuniário era, para o vencedor, da ordem dos 2000 réis e para o segundo classificado de 1200 réis.

A prova foi disputada em duas mãos tendo vencido a primeira o escaler *Emily*, comandado pelo Sr. Francisco S. Noi, ao serviço do súbdito britânico Sr. John Parkinson; em segundo lugar ficou o Pimpão, que tinha por arrais o Sr. Gervásio da Costa Estevens, oficial da marinha mercante. Na segunda mão o *Emily* voltou a ser o primeiro, enquanto na posição imediata se sagraria o *Regent*, capitaneado pelo Sr. João do Carmo Vieira. Obviamente o triunfo coube à embarcação inglesa por reunir, no cômputo geral das provas, as melhores posições. No decurso das competições náuticas a filarmónica “Marquês de Pombal” - da qual faziam parte cerca de 40 instrumentistas - realizou um verdadeiro concerto a bordo dum pequeno barco, oferecendo, deste modo, um outro brilho à prova desportiva e um novo alento aos valentes remadores. O numeroso público presente assistia à competição na praia, à janela dos edifícios ou a bordo das engalanadas lanchas e botes ancorados no cais. «*A concorrência era enorme, não só nos predios que teem frente para o rio, onde se via o que ha de mais escolhido na sociedade algarvia, mas tambem em toda a praia. Muitas senhoras da visinha cidade d'Ayamonte, tinham vindo assistir a tão agradável passatempo, concorrendo com a sua presença para o brilhantismo da festa*». ²⁸

A comprovar a larga afluência de forasteiros à pacata vila pombalina bastava olhar para o porto onde, entre outros, se encontravam ancorados os vapores *Izabel* a *Sahará* (Portugueses), *Sarrault* e *Premier* (Ingleses) e *Evodoy* (Italiano); de entre as embarcações à vela, merecem especial destaque o *Mondego*, *Algarve*, *Tejo*, *Oceano*, *Ungeni*, *James Davidson*, *Douro*, *Snowdon*, *Guadiana*, *Rio-Minho*, *Seven Sisters*, *SadonVascão* e *Rio Lima*.

Após a competição desportiva das regatas, tiveram lugar, igualmente no Guadiana, as provas popularmente designadas por cocanha.²⁹ O mastro, ao longo do qual os



Panorâmica de VRSA, do Guadiana e de Aiamonte, nos anos quarenta

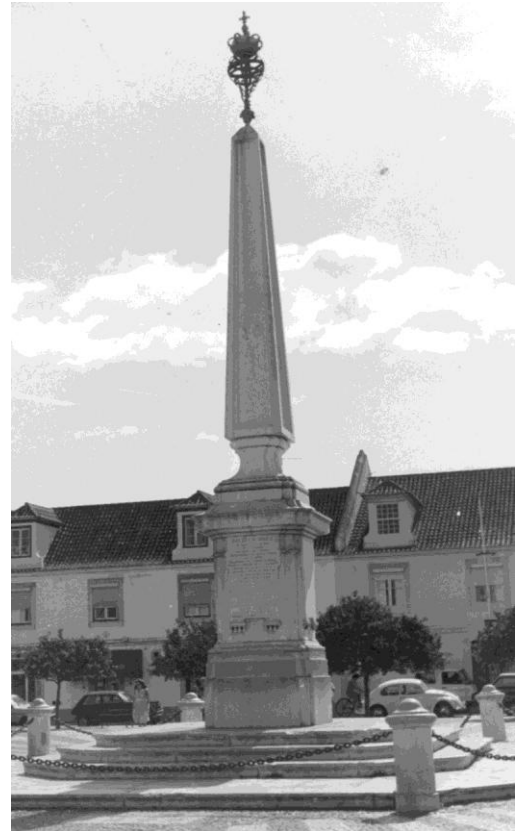
concorrentes teriam de se deslocar com enormes cautelas, tinha cerca de 10 metros de comprimento e o seu diâmetro estreito vergava com bastante sensibilidade a qualquer pressão. Curiosamente, e contrariamente, ao que era habitual, este mastro encontrava-se em posição horizontal, em direcção ao rio, ensebado e preso à proa dum navio, tendo na sua extremidade uma bandeirinha vermelha que os afoitos concorrentes teriam de apanhar. Além disso, não podiam agarrar-se ao mastro, mas antes equilibrarem-se de pé sobre ele. Logicamente muitos foram os participantes que tomaram um ou mais banhos forçados, visto que o mastro, para além de escorregadio, vergava também com relativa frequência. Para que os concorrentes não desistissem com precoce facilidade, o cônsul espanhol acreditado naquela vila, D. José Mirabent Pascual, oferecia aos dois primeiros classificados um prémio de 2250 réis, para cada um. Apesar de todas as dificuldades, sagraram-se vencedores os marítimos João Lucas e José de Souza Azul. A filarmónica acompanhou mais esta manifestação de alegria e convívio popular através de algumas das suas melodiosas peças musicais.

À noite, por volta das nove horas, os festejos prosseguiram ao som do vasto repertório executado pela banda “Marquez de Pombal”, e a *«concorrença era talvez ainda maior do que na tarde, contribuindo para isso talvez a amenidade da noite que realmente estava esplendida»*.³⁰ Praticamente toda a vila estava iluminada, em especial a praça do município, que tem o nome do fundador da vila, assumindo posição de destaque o

majestoso obelisco que «apresentava um aspecto surpreendente. As lanternas collocadas symmetricamente na agulha e os balões e estrellas nos arcos que a circumdavam, produziam um effeito maravilhoso. Alguns edificios particulares estavam illuminados exteriormente de uma maneira admiravel».³¹ De entre estes devemos salientar o hospício e a residência do Sr. António dos Santos Machado pois encontravam-se magnificamente iluminados.

Já passava da meia noite quando a filarmónica parou de tocar. Pouco depois a Vila adormecia em profundo silêncio,

Ao romper da aurora do dia 8, data nacional das comemorações, estrondosa alvorada de 21 tiros de morteiro, logo secundada pela marcha triunfal *Marquês de Pombal*, executada pela filarmónica, fizeram anunciar o começo dos derradeiros festejos. No ar estrelavam girândolas, de 54 foguetes cada uma, cujo ribombar ecoava por terras de Espanha e do Algarve. «Já dia claro, acompanhada por toda a comissão executiva e grande concurso de povo



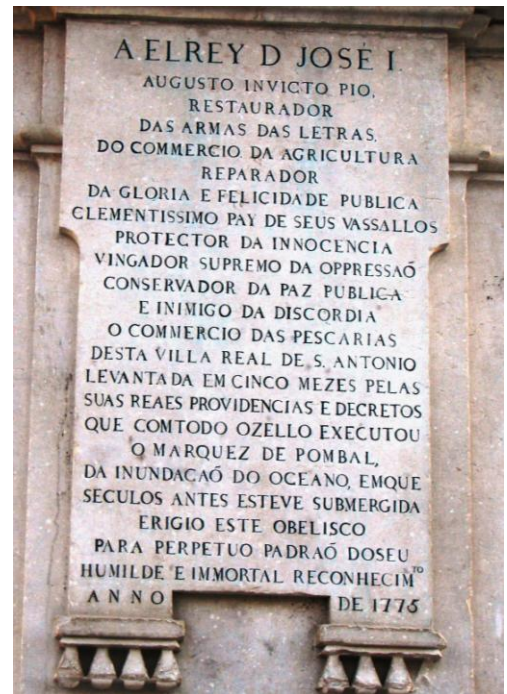
Obelisco de VRSA ou Memorial da Vila

*d'ambos os sexos; percorreu a philarmonica todas as ruas da villa, sendo muito victoriada na sua passagem».*³²

À tarde, cerca das 4 horas, efectuou-se na Praça Marquês de Pombal a reunião dum préstito cívico, encontrando-se nele representadas as autoridades civis e militares, assim como as diferentes corporações e associações de base, social, profissional e económica. Momentos antes de se iniciar o desfile, a comissão executiva dirigiu à comissão nacional encarregada de proceder às comemorações pombalinas na capital, um curiosíssimo telegrama cuja transcrição damos em *Apêndice*. Assim composto o cortejo cívico

«depois de cortejar a comissão executiva, que se achava junto do obelisco, seguiu pela rua Benedictina até entrar na rua de D. Luiz 1.º e na rua Marianna, onde teve lugar a serimonia do lançamento da pedra fundamental para o hospital, que vai erigir-se em memoria do grande estadista marquez de Pombal». ³³ Curiosamente, no interior da primeira pedra (que de algum modo teve o significado monumental dum verdadeiro baluarte da iniciativa popular) foi colocada uma caixa contendo não só três moedas de prata no valor de 800 réis, como inclusivamente uma cópia da acta lavrada para assinalar a solene inauguração, a qual como de costume transcrevemos em *Apêndice*. Refira-se que este tipo de procedimento estava em voga na época, pelo que muitos edifícios públicos, especialmente os destinados à assistência social, possuem no interior duma das suas colunas mestras uma caixa com moedas e documentos narrativos e comprovativos da sua fundação. «Nessa ocasião proferio um eloquente improviso allusivo ao acto, o dr. Guimarães, que foi vivamente applaudido». ³⁴ As palavras do presidente honorário foram corroboradas com fortes vivas a Sua Majestade El-Rei, à Família Real, à independência nacional e à liberdade.

Apenas por curiosidade, convém referir que o terreno destinado ao Hospital media de frente 11,5 metros, de fundo 57,75 m. e as paredes laterais e do fundo achavam-se já levantadas. A propriedade do terreno fora doada à Câmara Municipal pelos herdeiros do conhecido comerciante local Sebastião Rodrigues Centeno. Finda a cerimónia do lançamento da primeira pedra, regressou o cortejo à Praça do



Inscrição no obelisco do Marquês em VRSA

Marquês, exactamente pela ordem inversa, ou seja, voltou pela rua Mariana, depois pela D. Estefânia, em seguida pela rua Clementina até à da Rainha, daí à da Vitória, e da do Infante até à Praça do Marquês de Pombal onde acabou por dispersar.

Relativamente ao cortejo, que era vasto e imponente, talvez não seja descabido referir a sua constituição, pois que se trata duma nota deveras interessante especialmente pelo facto de reflectir o tipo de associações profissionais e económicas existentes na época. Assim, cada uma das associações de base, instituições culturais, de recreio, corporações, etc., exhibia um estandarte próprio com as suas cores características, uma legenda alusiva ao acto e ainda uma braçadeira identificativa sobre o braço esquerdo, com as mesmas cores do pendão.

A encabeçar o préstito figurava em primeiro lugar a sociedade filarmónica, de braçadeira vermelha, cujo estandarte era encarnado escuro, ostentando ao centro uma lira com a seguinte legenda em prateado: *A sociedade Philharmonica em homenagem ao illustre estadista Marquez de Pombal - 8 de Maio de 1882.*

Em segundo lugar, a representação das escolas primárias, feminina e masculina. O estandarte da primeira era azul com a seguinte inscrição: *A infancia escolar do sexo femenino acompanha jubilosa o prestito civico do Marquez de Pombal.* Por sua vez o estandarte masculino era verde e tinha esta singela legenda : *Em honra e gloria do Marquez de Pombal.*

Em terceiro lugar, o Compromisso ou Montepio Marítimo, cujo guião, de cor violácea, se fazia transportar pelo Sr. João Ribeiro Fernandes, exibindo a sigla: *C. M. à M. N. P.* O desdobramento destas iniciais dá a seguinte legenda: *Compromisso Marítimo à Memória do Marquês de Pombal.*

Em quarto lugar figurava a associação dos artistas, de braçadeira amarela, com estandarte da mesma cor transportado pelo Sr. Jeronymo da Fonseca e Sá, nele podendo ler-se: *Associação dos Artistas ao fundador desta Villa Real de Santo António, 8 de Maio de 1882.*

Em quinto lugar, a bandeira azul e amarela da Associação Comercial conduzida pelo Sr. Domingos Rodrigues Centeno, mostrava a seguinte mensagem: *8 de Maio de 1882 - O Commercio e industria à memoria do Marquez de Pombal.*

Em sexto lugar, o Sr. Francisco Vieira em representação do corpo de pilotos transportava o pavilhão real.

Em sétimo lugar, surgia o pendão vermelho e amarelo da associação dos caixeiros do comércio levado pelo Sr. João Matias Faria, com a seguinte epígrafe: *Os caixeiros em homenagem ao Marquez de Pombal, 8 de Maio de 1882.*

Em oitavo lugar encontrava-se a sociedade recreativa, tendo como porta estandarte o Sr. João Flores, sobre cuja bandeira vermelha, branca e azul figurava a seguinte mensagem: *A sociedade recreativa commemora o fundador desta villa.*

Em nono lugar, o pendão castanho escuro da associação dos barqueiros, conduzido por Hypolito Cassiano, trazia estampada a seguinte legenda: *Os barqueiros à memoria do grande estadista Marquez de Pombal.*

Em décimo lugar, o estandarte branco, símbolo da caridade, levado pelo Sr. José de Deus Rodrigues Garcia, que registava apenas : *A Caridade.*

A encerrar o desfile figurava a Comissão Executiva, usando cada um dos seus membros uma braçadeira branca e azul, apresentando o seu estandarte um quadrado branco emoldurado por uma barra azul. Era seu transportador o Sr. António José Barroso, que ostentava num dos lados a seguinte legenda: *A Comissão Executiva*; e no outro, ao meio dum silvado, a seguinte inscrição: *Villa Real de Santo Antonio à memoria da Marquez de Pombal.* A seu lado encorporaram-se as individualidades especialmente convidadas, assim como os altos representantes das autoridades civis e militares.

Vem a propósito esclarecer que a maioria dos estandartes eram de cetim com as inscrições bordadas a prata ou ouro, num trabalho verdadeiramente primoroso cujo labor se ficou a dever à professora primária Sr.^a D.^a Adelaide Emília do Coração de Jesus Melaças. *«Na verdade se s. ex.^a já não houvesse por bastantes vezes mostrado a sua illustração e competencia, seria garantia mais que sufficiente os trabalhos que n'elles (estandartes) apresentou».*³⁵ Aqui vemos, portanto, uma referência ao intervencionismo cívico das professoras primárias, cuja importância social estava em crescendo, a ponto de mais tarde poderem reclamar direitos políticos e igualdade de tratamento, numa luta que ficou conhecida pelo movimento feminista.

Os estandartes foram no final das comemorações oferecidos à Câmara Municipal pelas diversas corporações e associações. Resta saber se ainda existem ou se já lhes fizeram um “auto-de-fé”.

Segundo as apreciações da imprensa da época, este desfile teve enorme êxito causando impressão positiva a todos quantos tiveram a oportunidade de o presenciar. Já agora, devemos acrescentar que o mesmo contou com a presença de algumas individualidades notáveis, à mistura com numeroso publico das localidades mais próximas da vizinha Espanha.³⁶

À noite, tal como vinha acontecendo anteriormente, voltaram a iluminar-se, pelo sistema veneziano, as ruas e edifícios da vila, com especial destaque para a Praça Marquês de Pombal e respectivo obelisco. *«A (iluminação) da praça Marquez de Pombal era d'um effeito maravilhoso. O obelisco tinha 850 balões e 436 lanternas de vidro representando um pavilhão chinêz, em cujo recinto estava collocado o coreto para a philarmonica. Os festões de murta formando os arcos d'onde pendiam as balões, as linhas de bandeiras em numero superior a 250 estendidas desde o obelisco até às estremidades da praça; a agulha do obelisco toda illuminada parecendo, de longe que as faces eram laminas prateadas; a excellente ordem e disposição das estrellas lateraes,*

*tudo produzia um efeito encantador».*³⁷ A decoração e distribuição dos balões venezianos esteve a cargo do elemento da comissão executiva, Sr. Gervásio da Costa Estevens, que realizou um trabalho artisticamente superior.

Por volta das nove horas, teve lugar nos Paços do Concelho a inauguração do retrato do Marquês de Pombal, que ainda hoje ali se conserva. Após a solenidade do acto, que foi largamente aplaudido por todos os presentes, que desde o primeiro dia das comemorações aguardavam ansiosamente a sua colocação, o jornalista Freire Pires aproveitou a ocasião para declamar uma interessante poesia, que nessa mesma tarde compusera.³⁸ A instâncias de vários amigos presentes, o Dr. José Francisco Guimarães pronunciou um breve, mas não menos brilhante, discurso dedicado ao Marquês e alusivo às comemorações a que honrosamente havia presidido.



Xilogravura de Manuel Cabanas elaborada com base no retrato de Pombal existente em VRSA

Desprovido de capacidades oratórias capazes de ombrear com os anteriores palestrantes, cujos méritos eram incontestáveis, quis o Sr. José de Deus Rodrigues Garcia, testemunhar através do gesto e da bondade que a Caridade, como seu digno representante, não podia deixar de estar activamente presente, fazendo, por isso distribuir, a suas expensas, alguns donativos aos 20 pobres que simbolicamente ali o acompanhavam. Consta que foi um acto e um gesto nobre, autenticamente sentido, muito longe de significar qualquer mesquinha manifestação de promoção pessoal.

A pedido da maioria das damas e cavalheiros ali presentes, acederam a executar algumas peças musicais as senhoras D.^a Maria Bárbara Machado Guerreiro, D.^a Maria

dos Ramos Garcia Ramires e D.^a Sebastiana Ascensão Guimarães, «*intelligente e sympatica filha do Dr. Guimarães, sendo muito applaudida e cumprimentada*». ³⁹ Deste modo, tão caloroso e sentido, se encerraram definitivamente as comemorações do I Centenário de Pombal. «*Esta povoação pagou a dívida sagrada ao seu fundador, e festejando com a maior pompa e esplendor o centenário do grande ministro de D. José, deixa aos vindouros o mais salutar exemplo de reconhecimento e gratidão. Este edificio para o qual já se lançou a primeira pedra, quando um dia abrigue em seu seio protector o infortunio e a miseria, atestará às gerações por vir que na grande alma d'uma povoação inteira que pretendia manifestar o seu reconhecimento era vivo o sentimento da caridade christã, dessa virtude sublime que é o mais precioso ornamento do coração das sociedades modernas*». ⁴⁰

Apesar da cerimónia relativa ao lançamento da primeira pedra para a construção do edifício do Hospital se haver revestido da maior pompa e solenidade, constituindo mesmo o ponto áureo destas comemorações centenárias, o certo é que não passou de “fogo morto”, já que, segundo o Rev.º Dr. Ataíde de Oliveira, ainda em 1908 o edifício não estava ao serviço do público, havendo mesmo certas obras por concluir. Situava-se na antiga Rua Mariana, que nos finais do séc. XIX se passou a denominar Rua Cons. José de Alpoim, mas que em 1910, logo após a revolução republicana, se alterou para Rua 5 de Outubro. A antiga Associação de Socorros Mútuos, que depois se designaria por Novo Compromisso Marítimo, ficou desde 1899 com a incumbência de assumir a posse do Hospital, para cujas despesas contribuiria anualmente com uma dotação de cem mil réis. ⁴¹ Muitos anos depois, praticamente na vigência do “Estado Novo”, o decantado Hospital Marquês de Pombal passou para as mãos da Misericórdia, que após a conclusão das obras, iniciadas quase meio século antes, garantiu os serviços mínimos de assistência médica à população.

Em suma, várias décadas depois da sua fundação, ainda o hospital Marquês de Pombal não cumpria a missão para a qual fora instituído. E já agora, apenas a talhe de

foice, devemos acrescentar que um século depois aquele hospital continua a não assegurar, duma forma eficiente, um serviço de atendimento e tratamento dos seus doentes. Infelizmente Vila Real de Santo António não possui, ainda, o tal hospital que os seus conterrâneos, há um século atrás, pretenderam erigir em memória daquele que procurou estabelecer na foz do Guadiana um empório comercial-marítimo, sede da então recém criada Companhia Geral das Reaes Pescarias do Reino do Algarve.

Enfim, factos e desilusões, que a malha do tempo tece.

Seja como for as comemorações tiveram bastante brilho e o esforço valeu a pena. O povo de Vila Real de Santo António pagou, a seu modo e conforme pôde, uma dívida de gratidão para com a memória do grande estadista seu fundador. Por esse motivo, era caso para se dizer que *«se o notavel estadista, quebrando os sellos que o prendem ao sepulchro, voltasse à vida, sentir-se-hia jubiloso ao ver que n'esta terra ingrata, oito ou dez mil almas ainda se recordam de todos os seus beneficios»*.⁴²



Estátua do Marquês de Pombal erigida recentemente na doca de VRSA

Mas, se fosse hoje, a avaliar pelas parcas manifestações culturais desenvolvidas nesta localidade em torna da figura de Pombal, era caso para se dizer que o celebrizado déspota muito se havia de arrepender de algum dia se ter lembrado de fazer renascer das cinzas uma nova imagem da lendária vila de Santo António de Arenilha, mais ampla,

mais nobre e mais real.

É pena que não saibamos, nos tempos que correm, dignificar a nossa história, que, ao fim e ao cabo, é a essência do nosso povo e a razão de estarmos hoje aqui orgulhosamente livres, cientes da nossa própria identidade cultural, que, em boa verdade, a muitos faz inveja. O nome de Portugal, se hoje nada vale, já foi em tempos símbolo de um poder temível e duma cultura quase universal. Contra todos os erros cometidos e contra todas as críticas que nós próprios lhe tecemos, uma coisa há que não podemos alvidar: a grandiosidade da nossa História.

Saibamos, ao menos, venerá-la em todo o seu esplendor.

APÊNDICE

Documento n.º 1

ACTA DA REUNIÃO DE CÂMARA NOMEANDO A COMISSÃO EXECUTIVA

«Aos vinte e dois dias do mez d'abril de mil oito centos e dois, nesta Villa Real de Santo António e paços do concelho da mesma villa onde se achava o presidente Jacintho José d'Andrade e os vereadores Joaquim Pedro Parra, Manoel Joaquim Crespo e Thomé António d'Oliveira, faltando por motivo justificado os vereadores Francisco António Machado, José Diogo Romano e João Rodrigues Gomes, estando tambem presente o administrador do concelho José Vicente do Carmo, o dicto presidente abriu a sessão e expôz á camara o desejo que alimentava e os justos motivos que actuavam no seu animo para tomar a resolução de propôr a nomeação de uma commissão que se encarregasse de organizar os festejos para solemnizar o centenario do Marquez de Pombal, e conscio como estava, de que esta idéa, havia de ser agradavel e gostosamente recebida pelos seus colegas, propunha para constituirem a commissão referida os seguintes cavalheiros: - António José Barroso, António Velasques Hernandes, Gervasio da Costa Estevens, Francisco António da Silva, João Barroso, João Pedro de Souza, João Rodrigues d'Aragão, João de Souza Medeiros e Martinho José Rodrigues, a qual proposta foi por unanimidade approvada. Em seguida usando da palavra o administrador do concelho disse, que lhe era extremamente sympathica a resolução desta camara, que tão acertadamente interpretara os sentimentos dos seus municipes. E reconhecendo ser justo e louvavel que os habitantes desta villa tributem á memoria do nobre Marquez uma lembrança que significasse os verdadeiros protestos de respeito e gratidão, pedia á

camara se fizesse representar nas pessaas do seu digno presidente e vice-presidente, devendo os mesmos cavalheiros fazerem parte da commissão acima mencionada. E tendo sido tomada na devida consideração a proposta do administrador do concelho ficou constituida a commissão de onze membros, faltando mencionar os nomes dos dois ultimos que são Jacintho José d'Andrade e Joaquim Pedro Parra. Mas foi deliberado que se officiasse immediatamente aos membros de que se compunha a commissão a fim de se reunirem amanhã na sala desta camara para se tractar do programa dos festejos. E não havendo nada mais a tractar o ditto presidente levantou a sessão; e para constar se lavrou a presente acta que vai ser devidamente assignada. E eu João F'rancisco de Salles Barroso escrivão da camara que a escrevi e assigno. O administrador do concelho José Vicente do Carmo. - O presidente da camara, Jacintho José d'Andrade. - o vice-presidente, Joaquim Pedro Parra. - Manoel Joaquim Crespo - Thomé Antonio d'Oliveira.»

Documento n.º 2

ACTA DA PRIMEIRA SESSÃO DA COMISSÃO EXECUTIVA

«Aos vinte e tres dias do mez d'abril de mil oito centos oitenta e dois, nos paços do concelho desta Villa Real de Santo Antonio se reuniram os cidadãos abaixo mencionados que a convite do cidadão Jacintho José d'Andrade presidente da camara municipal, compareceram a fim de se constituir definitivamente a commissão que ha de dirigir os festejos para solemnizar o primeiro centenario do illustre Marquez de Pombal, visto ter sido elle o fundador desta villa. E procedendo-se á eleição dos cargos da commissão ficaram eleitos presidente Jacintho José d'Andrade, secretario João

Rodrigues d’Aragão, thesoureiro Joaquim Pedro Parra, e vogaes os restantes oito membros. Constituida por este modo a commissão executiva, resolveu-se que diariamente se reunisse a commissão nos paços do concelho, a fim de reflectidamente dar cumprimento ao programma dos festejos que nesta sessão foi apresentado. Outro sim resolveu a commissão que se convidassem todas as corporações, associações, auctoridades civis e militares desta localidade a coadjuvar e contribuir energica e entusiasticamente para esta solemnisção se levar a effeito com o brilhantismo de que é bem digna a memoria do illustre estadista. Foi apresentado á analyse e discussão o projecto do programma dos festejos que por unanimidade foi approved, deliberando-se mais que fosse publicado em um dos periodicos da provincia e enviado á commissão academica dos festejos em Lisboa.

PROGRAMMA DOS FESTEJOS

Dia 6

Inauguração do retracto do illustre estadista Marquez de Pombal fundador desta villa.

Sarau litterario e musical ás 9 horas da noite nas salas dos paços do concelho.
Iluminação na praça Marquez de Pombal a balões venezianos e pharoes.

Dia 7

Ao meio dia bodo a duzentos pobres do concelho na camara municipal, tocando durante o acto a philarmonica Marquez de Pombal. Ás quatro horas da tarde regatas, passeios fluviaes e cocagne no guadiana.

Á noite musica na praça das oito ás onze horas, e illuminação geral na villa.

Dia 8

Ao romper da aurora *alvorada*, que será anunciada com 21 tiros de morteiro e grande numero de girandolas de foguetes e durante o dia grande embandeiramento.

Às trez e meia da tarde sairá da praça Marquez de Pombal o cortejo civico, no qual irão incorporadas todas as auctoridades civis e militares, as diversas associações da localidade e escolas de instrucção, se dirigirá á rua Marianna, onde deve ter logar o assentamento da primeira pedra para a fundação do hospital, que se denominará *Marquez de Pombal*, a cuja memoria é dedicado.

Á noite brilhante illuminação no obelisco, paços do concelho e edificios particulares. A commissão promotora. - Presidente, Jacintho José d' Andrade - Thesoureiro, Joaquim Pedro Parra - Secretario, João Rodrigues d' Aragão – Vogaes, Martinho José Rodrigues - António José Barroso - João Barroso - Gervasio da Costa Estevens - António Velasques Hernandez - João de Souza Medeiros - Francisco António da Silva - João Pedro de Souza».

Documento n.º 3

ACTA DA COMMISSÃO EXECUTIVA EM QUE SE PROMOVE UMA
SUBSCRIPÇÃO PARA LEVAR A EFEITO A FUNDAÇÃO D'UM HOSPITAL

«Aos vinte cinco dias do mez d'abril de mil oitocentos oitenta e dois, nas casas do edificio da camara municipal desta Villa Real de Santo Antonio, teve logar a sessão dos membros da commissão executiva dos festejos do centenario do Marquez de Pombal, a fim de se promover uma subscrição, para se poder levar a effeito a idéa já approvada na sessão antecedente da fundação d'um hospital denominado *Marquez de Pombal*, visto como a commissão não dispunha de recursos e elementos para a realisacção dessa idéa,

vendo-se por isso na necessidade de recorrer á alludida subscrição. Foi mais apresentado o parecer de que fossem convidados a tomar parte nestes festejos o bacharel José Francisco Guimarães e o Padre Bernardino Alvaro dos Santos Mirabent Pessanha visto serem dignos filhos desta villa. - A commissão promotora».

Documento n.º 4

ACTA EM QUE SE NOMEIA O DR. JOSÉ FRANCISCO GUIMARÃES COMO
PRESIDENTE HONORARIO DA COMMISSÃO EXECUTIVA

«Aos vinte e sete dias do mez d’abril do corrente anno de mil oito centos oitenta e dois, nas casas da camara desta villa, onde se achavam reunidos os membros da commissão dos festejos do centenario do Marquez de Pombal, ahi lhes foi apresentado pelo presidente uma carta que tinha recebido do Dr. José Francisco Guimarães, na qual declarava que acceitava o convite que lhe fizera a commissão de vir passar os dias dos festejos nesta villa. Propoz o dito presidente que, em vista d’aquelle cavalheiro ter acceitado de tão boa vontade o convite que lhe fora feito pela commissão, se nomeasse presidente honorario da mesma commissão, e que se lhe officiasse neste sentido. Esta proposta foi approvada por unanimidade. - A commissão promotora.»

Documento n.º 5

TELEGRAMA DA COMMISSÃO EXECUTIVA DIRIGIDO À COMMISSÃO DOS
FESTEJOS POMBALINOS EM LISBOA

«Neste momento vai sahir o cortejo civico até ao logar em que se há-de collocar a primeira pedra do hospital que se denominará *Marquez de Pombal*, para honrar a

memoria do grande estadista, fundador desta villa. A commissão executiva associando-se ao pensamento de prestar homenagem ás virtudes civicas do grande ministro de D. José, tem a honra de felicitar a illustre commissão de Lisboa. O presidente da commissão - Jacintho José d'Andrade.»

Documento n.º 6

ACTA DO LANÇAMENTO DA PRIMEIRA PEDRA DO HOSPITAL MARQUEZ DE POMBAL

«Aos 8 dias do mez de maio de mil oito centos oitenta e dous nesta Villa Real de Santo Antonio e na rua Marianna da mesma villa, onde se achava presente a commissão promotora dos festejos do centenario do egregio Marquez de Pombal, composta dos cidadãos Dr. José Francisco Guimarães, presidente honorário; Jacintho Pedro Parra, thesoureiro; João Rodrigues d'Aragão, secretário; e dos vogaes António José Barroso, António Velasques Hernandez, Francisco António da Silva, Gervasio da Costa Stevens, João Barroso, João Pedro de Souza, João de Souza Medeiros, e Martinho José Rodrigues, e os representantes das associações compromisso maritimo, montepio artistico, sociedade recreativa, sociedade philarmonica *Marquez de Pombal*, corpo commercial, corporação dos pilotos, commissão dos empregados do commercio, professor e professora d'instrucção primaria, auctoridades civis e militares, e enorme concurrencia de povo, teve logar em terreno espontaneamente offerecido pelos herdeiros de Sebastião Rodrigues Centeno o assentamento da pedra inaugural d'um hospital, a que se deu o nome do grande estadista e cuja fundação a commissão dos festejos deliberou levar a effeito, para perpetuar nesta villa a memoria deste dia, que pela sua grandiosa celebração na capital do reino e n'outras povoações importantes do paiz há-de ficar assignalado nos fastos commerativos das suas glorias patrias com um honroso padrão,

attestando aos vindouros que a geracção actual soube comprehender, julgar a glorificar as virtudes civicas dos seus maiores, que mais alto levantaram o nome portuguez e maior somma de prosperidades deram ao paiz que lhe foi berço natal.

O povo desta villa inaugurando por esta forma um estabelecimento, onde os mais desvalidos dos seus filhos poderão encontrar no futuro o doce e carinhoso conforto da caridade, paga assim pela affirmacção e consagração d'uma idéa grandiosa e fecunda, uma divida de gratidão ao portuguez benemerito, ao estadista eminente, ao reformador arrojado e sabio, e particularmente aquelle que d'um areal deserto e pantanoso fez surgir ao sopro fecundo das suas poderosissimas faculdades esta villa, uma das mais bellas e florescentes do paiz e hoje o terceiro porto maritimo e commercial do reino. Ficam sob a pedra inaugural do hospital *Marquez de Pombal*, uma caixa de folha contendo uma copia da acta e trez moedas de prata no valor de oitocentos réis. Do que para constar se lavrou a presente acta sendo assignada pelos presidentes de todas as associações, corporações, auctoridades civis e militares e mais pessoas que quizeram assignar. E eu João Rodrigues d'Aragão, secretario que a escrevi:

José Francisco Guimarães - Jacinto José d'Andrade - Joaquim Pedro Parra - Antonio José Barroso - Francisco Antonio da Silva - João de Souza Medeiros - João Barroso - Gervasio da Costa Estevens - João Pedro de Souza - Martinho José Rodrigues - Antonio Velasques Hernandes - José Vicente do Carmo, administrador do concelho - Luiz Antonio Themudo, capitão do porto - João José da Cunha, governador da praça - Alfredo Ghira, primeiro tenente da armada - Joaquim Garcia, capitão d'artilheria - Pedro Augusto Soares, aspirante telegrapho-postal - Antonio de Passos Pereira de Castro, medico - Alvaro Antonio de Bulhão Pato, aspirante da alfandega - Antonio Custodio Souza, idem - Antonio Ignacio dos Santos, telegraphista - Frederico Guilherme Lima, escrivão de fazenda - Manoel José Damasceno, chefe de sessão da alfandega - Manoel de Souza Oliva, escripturario - João Bernardo Fortunoso, fiscal do real d'agua - Manoel José de Pina, telegraphista - Manoel Mascarenhas Junior, tabellião - Joaquim Soares Mascarenhas, chefe de sessão - Adelaide Emilia do Coração de Jesus Melaças,

professora - Antonio Isidoro de Brito, professor d'instrucção primaria - José Maria Sande, idem - Pelo compromisso marítimo João Ribeiro Fernandes - Pela associação artistica Jeronymo da Fonseca e Sá - Pelo corpo commercial Domingos Barboza Centeno - Pela corporação dos pilotos Francisco Vieira - Pela corporação dos caixeiros João Martins Feria - Pela sociedade recreativa João Flores - Pela corporação dos barqueiros Diogo José - Pela caridade José de Deos R. Garcia - Pela sociedade philarmonica, Francisco Medeiros Ramires - João Guerreiro da Costa Junior regente da mesma - Antonio dos Santos Machado - Angelino Simplicio Franco - João do Carmo Vieira - Henrique Firmo Rodrigues - Antonia Leonilla Ascensão Guimarães - Maria Roza Barroso de Centeno - Sebastiana d'Ascensão Guimarães - João Martins - Antonio Gomes Toledo - José Antonio Pereira - Manoel José F. Trindade - João José Rodrigues - Francisco Antonio Machado - Manoel Paulino da Cruz - Francisco Ignacio Machado - João Antonio C. Barroso - Maria Barbara Machado Guerreiro - Maria da Gloria Machado - Roza da Encarnação Machado dos Reis - Adelina do Carmo Machado - Manoel Gomes Baptista - Joaquim Filippe Freire Pires - Francisca Parra- Adelina Rodrigues - Catalina Rodrigues Centeno de Souza - José Ribeiro Alves - Maria dos Ramos Garcia Ramires - Catalina Garcia Peres - Maria José Martins Rodrigues - Francisco Gomes Sarnches - John & Parkinson «Eastern Telegraph Company» - Secretario, João Rodrigues Aragão.»

Documento n.º 7**POESIA DA AUTORIA DE FREIRE PIRES E RECITADA NA INAUGURAÇÃO DO
RETRATO DO MARQUÊS DE POMBAL****MARQUEZ DE POMBAL**

«Eu que nasci na terra em que nasceu Camões
Que fallo idioma igual ao que fallou Pombal,
Que respiro o mesmo ar que respiraram ambos,
Que como elles tambem adoro Portugal;

Eu que sou novo ainda e sinto este meu peito
Abrir-se a tudo quanto é bello e grande e nobre,
Que contente sorriso ao ver a patria em jubilo
E choraria ao vel-a enfraquecida e pobre;

Que muita vez dormi ao som da doce voz
De minha mãe cantando o hymno da Liberdade,
Que tenho no coração, como em sagrado templo,
O culto da Justiça, o culto da Verdade;

Eu que detesto a garra adunca dos abutres...
Que tenho horror ao algoz e á Santa Inquisição,
Que sempre abominei os ferozes Torquemadas
Que não quero estender meu pulso á servidão;

Venho prostrar-me humilde ante o teu vulto austero
Oh! genio sobrehumano, oh! gloria nacional!
Embora a reacção nas trevas te apedreje
Tu o tornaste livre - é livre Portugal.»

Villa Real

Freire Pires

NOTAS

(1) António Rodrigues Sampaio, popularmente alcunhado de “Sampaio da Revolução”, foi um notável político e periodista de inegável mérito que se distinguiu no seu tempo como redactor principal do jornal *A Revolução de Setembro*, fundado em 1840 pelo não menos famoso revolucionário José Estêvão. Neste órgão setembrista, que mais tarde adquiriu um cariz regenerador, assinou Rodrigues Sampaio alguns polémicos artigos de fundo que deram brado na época.

Àqueles que pretendam conhecer mais aprofundadamente a personalidade política de Rodrigues Sampaio, aconselhamos a leitura dos trabalhos que Teixeira de Vasconcelos lhe consagrou sob os títulos de: *O Sampaio da Revolução de Setembro*, Paris, 1859; *Les Contemporains, Galerie Portugaise: António Rodrigues Sampaio, journaliste*, Paris, 1858. A revista *Ocidente* dedicou-lhe o seu n.º 993 de 30-VII-1906, cuja consulta não deverá deixar de se fazer.

(2) As forças reaccionárias afectas à coroa e ao clero moviam suas baterias contra os republicanos do alto das colunas dos seus órgãos mais ferozes, especialmente nos jornais *A Palavra*, do Porto, *A Ordem*, em Coimbra, *A Cruz e a Espada*, em Braga, através dos quais lançaram o espectro duma comemoração republicana a nível nacional usando como pretexto o enaltecimento duma figura política que só tinha paralelo na História Universal com o demoníaco Imperador Nero. Daí se dizer que o «Nero português» era nem mais nem menos do que o Marquês de Pombal.

(3) José Francisco Guimarães, *Breve Notícia dos Festejos em Villa Real de Santo António por ocasião do centenário do Marquez de Pombal*, Faro, Typographia Eduardo Seraphim, 1883, p. 3.

É inacreditável, diria mesmo, abusiva a forma como Ataíde de Oliveira se serviu deste pequeno livro para dele extrair, e entroncar a seu bel-prazer, as partes do texto que achou mais “relevantes”. Por conseguinte, não aconselhamos ninguém, sem as devidas cautelas, a utilizar como seguras as páginas 108 a 117 da Monografia de Vila Real de Santo António por estarem cheias de “buchas” e “empastelamentos”.

(4) *Idem*, p. 4.

(5) *Idem*, pp. 6-7.

(6) João Rodrigues Aragão, nasceu em Tavira a 13/XII/1859 e faleceu em Faro a 12/V/1941. Nesta cidade foi professor do respectivo Liceu e director da Escola de Ensino Normal, vindo a reformar-se como docente no ano de 1929. Enquanto foi afecto ao partido regenerador desempenhou as funções de Presidente da Câmara Municipal, sendo da sua responsabilidade alguns melhoramentos locais. Mais tarde, já como partidário do republicanismo, foi presidente da Junta Geral do Distrito. Deveu-se-lhe, entre outras coisas, a realização dum Congresso dos Organismos Administrativos, reunido nesta cidade de Faro em Setembro de 1920, através do qual solicitou ao Governo a criação de escolas de Pesca em Vila Real de Santo António, Portimão, Olhão, assim como a concessão da autonomia administrativa à semelhança do que vinha acontecendo com os Açores e Madeira. Publicou alguns livros, quase todos de carácter pedagógico.

Cf. Mário Lyster Franco, *Algarviana - Subsídios para uma bibliografia do Algarve e dos autores algarvios*, Faro, Ed. C. M. F., 1982, vol. I, pp. 153-154.

(7) José Francisco Guimarães nasceu em Vila Real de Santo António a 22/9/1830 e faleceu em Faro a 19/6/1901, filho de João António Guimarães e de Gertrudes das Dores Rodrigues Guimarães, ambos naturais dessa vila. Era formado em Direito pela

Universidade de Coimbra e na cidade de Faro desempenhou as funções de juriconsulto, de professor de Liceu e do Seminário, organizador e Director da Escola Normal, cargo que desempenhou por duas vezes. Presidiu por duas vezes à Câmara Municipal de Faro (em 1870-1871 e 1876-1877) e chefiou a Junta Geral do Distrito. Foi grande apaixonado das letras e da música, colaborando, em prosa ou verso, na maior parte dos jornais algarvios do seu tempo, especialmente no *Districto de Faro*. No campo da música orquestrou algumas das peças apresentadas no Teatro Lethes e foi autor da letra do *Hymno da Academia Fareense* e do *Hymno do Seminário*.

Encontra-se sepultado no cemitério da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, em Faro, e era seu filho o Dr. José de Ascensão Guimarães, político e botânico distinto. Era igualmente tio da poetisa Lutgarda de Caires que tem em Vila Real de Santo António um monumento em sua memória, e de João de Deus Guimarães, que foi distinto jornalista e político, todos eles naturais da referida vila.

(8) O padre Bernardino Alvaro dos Santos Mirabent Pessanha, foi desde 1774, o 17.º pároco da freguesia de Vila Real de Santo António, e havia sido encomendado até Junho de 1870. Aquando das comemorações do I Centenário do Marquês de Pombal desempenhava as funções de prior da freguesia de Pêra, nessa altura ainda pertencente à vigararia de Albufeira, donde aliás provinha. O padre Mirabent Pessanha colaborou em alguns jornais algarvios, mormente no semanário regenerador *O Districto de Faro*. Em 1908 era o presbítero número dezoito da vigararia de Faro, tinha 67 anos, possuía o curso trienal e considerava-se pároco aposentado.

Cf. Francisco Xavier Ataíde de Oliveira, *Memórias para a História Eclesiástica do Bispado do Algarve*, Porto, Typographia Universal, 1908, p. 164.

(9) As dificuldades e o perigo que constituía a odisseia dum viajante ficou bem patente na nossa literatura, especialmente nos relatos assinados pelos estrangeiros que nos visitaram, e não raras vezes se arrependiam de o ter feito. De qualquer modo respiguei do livro de memórias do Dr. Amadeu Ferreira d'Almeida uma breve passagem sobre o encanto das viagens até à capital:

«Devia ser aí por 1888; era preciso ir de carruagem até Vila Real de Santo António, passava-se ali a noite numa estalagem pouco confortável para embarcar no dia seguinte num velho vapor de rodas pertencente ao Sr. Alonso Gomes, o qual subia o Guadiana até Mértola, onde se repousava em nova estalagem pouco convidativa. A acidentada viagem continuava de carruagem por dez léguas de subidas, em desértica estrada primitiva para Beja, com descanso na chamada Casa da Muda, por aí se mudar de parelha ao carro. Vi então pela primeira vez cavalos comerem pão molhado em vinho, que lhes davam por os verem tão cansados. A frequência do local era bizarra e pouco animadora. Viam-se vultos de estranho aspecto, envoltos em mantas, deitados até pelo chão. Por fim partimos de novo (no dia seguinte) indo tomar o comboio em Beja para o Barreiro e Lisboa como ainda hoje. Era preciso ter grande necessidade de ir à capital para suportar tão grande incómodo e risco, o qual tinha ainda de se repetir no regresso a Faro».

in *Recordando*, 2.^a edição, Faro, Separata do «Correio do Sul», 1963, p. 49.

(10) No semanário regenerador que se publicava às quartas feiras na capital algarvia com o título de *Districto de Faro*, datado de 11 de Maio de 1882, podia ler-se a este respeito a seguinte nota, que vinha inclusivamente destacada do resto do corpo da notícia respeitante aos festejos: *«A iluminação da praça estava deslumbrante. O obelisco produzia um effeito maravilhoso pela quantidade e excelente disposição de lumes que o guarneciam.»*

(11) É curioso salientar a referência que a este respeito nos oferece o jornalista Freire Pires, que esteve presente e teve acção de destaque nas comemorações, ao assinar nas colunas regeneradoras do periódico lacobrigense *Notícias do Algarve*, de 20/5/1882 um “suelto” intitulado «Centenario do Marquez de Pombal - Festas Esplendidas em Villa Real de Santo António», no qual a dado passo refere a afluência de forasteiros de fina estirpe nos seguintes termos: *«O vasto salão apresentava um aspecto deslumbrante. Muitas senhoras de Villa Real, Castro Marim, Tavira e até d’Ayamonte e Ilha Christina, concorreram para abrilhantar o sarau. Ao todo setenta senhoras. Vimos também n’essa noite muitos cavalheiros da elite de Tavira e Olhão, que foram assistir aos festejos.»*

(12) Filho de um seu homónimo que fora Piloto Mor da Barra e Rio Guadiana; residia este apaixonado flautista amador num prédio térreo com o n.º 33 na Rua Miguel Bombarda (antiga rua do Príncipe Real) em Vila Real de Santo António e era de profissão funcionário público. Curiosamente, tempos depois, mais precisamente a 24/XII/1887, viria a ser pai do conhecido escritor, José Ribeiro Alves Júnior que deixou pelo Algarve e no país inteiro bem vincada presença, através do seu nome literário Zé di Melo. Os seus dados biográficos podem ser recolhidos no folheto auto-biográfico *Eu...*, Lisboa, Editorial Minerva, 1947.

(13) Aspirante da Alfândega de Vila Real de Santo António, jornalista e poeta. Foi expressamente convidado pela comissão para participar na homenagem ao Marquês de Pombal.

(14) Extraído duma nota inserida no jornal farenses *Progresso do Algarve* datado de 12 de Maio de 1882 e assinado com o pseudónimo *Alpha*. Este órgão, como se deduz pelo título, era o arauto do Partido Progressista na região.

(15) In *Progresso do Algarve*, de 12 de Maio de 1882.

(16) *Idem*, ibidem.

(17) in *O Districto de Faro*, de 11 de Maio de 1882.

(18) J. F. Guimarães, *op. cit.*, p. 11. Verifica-se nesta transcrição uma ligeira gralha. Assim, o autor da opereta *O Duquesinho* foi precisamente Charles Alexandre *Lecocq*, que a publicou em 1879 com o título de *Le Petit Duc* a qual, com a anterior designação, foi levada à cena no Teatro da Trindade onde obteve grande êxito.

(19) Curiosamente foram estas duas peças musicais realizadas logo após a conferência do Dr. José Guimarães que mais impressionaram o articulista de *O Distrito de Faro*. Dessa notícia, cuja autoria desconfio que pertence ao próprio Dr. Guimarães, respigamos a seguinte passagem: «*Alguns amadores, dirigidos pelo habilissimo regente da banda marcial, o sr. Guerreiro, tocaram lindissimas peças de musica, e a esposa d'este cavalheiro executou primorosamente ao piano uma encantadora phantasia.*»

(20) José Bernardo Camilo Lorjó Tavares, nasceu em Faro a 21/XII/1857 e morreu no asilo dos intelectuais e artistas em Colares a 3/XI/1939. Começou a escrever no *Correio da Noite*, onde permaneceu como redactor durante onze anos, e colaborou, entre outros, nos jornais *Correio Português*, *Comércio Português* e *Diário da Manhã*. Ao lado de

Jaime Vitor fundou e dirigiu a Revista *Perfis Contemporâneos*. Mais tarde, lançou a revista *Brasil-Portugal*, que teve algum sucesso. Como actor teatral, estreou-se na ópera cómica *A Moira de Silves*, representada em 1891 no Teatro da Trindade, e ainda o drama *O Suicida*. Como dramaturgo escreveu *O Segredo da Confissão*, representado no Teatro D. Maria II em 1892, a comédia *Inglesa*, estreada em 1915 com grande êxito no Rio de Janeiro, e a ópera cómica *João de Ermida*. Em 1933 representou a sua última comédia, *Divórcios*, deixando inédita a peça *Nonda* inspirada num conto de Eça de Queirós.

(21) in *Progresso do Algarve*, de 12/5/1882.

(22) Cavatina é uma antiga espécie de ária de ópera composta por um recitativo, um andante ou adágio e por fim um alegre. Na ópera italiana (séria ou bufa) a cavatina é uma ária de uma só voz, normalmente curta e com um só movimento sem repetição. Entre vários exemplos de cavatinas célebres podemos citar as de Rosina no *Barbeiro de Sevilha* (Rossini), de *Don Juan* (Mozart), da *Sonnâmbula* (Bellini), da Lúcia de *Lamermoor* (Donizetti), de *Hernani* (Verdi), da *Gazza Ladra* (Rossini), etc.

(23) in *Noticias do Algarve*, de 20/5/1882, cujo “suelto” se encontra assinado precisamente por um dos intervenientes nas festividades, Feire Pires.

(24) Exactamente nestes termos (o que não passa de um ridicularismo piegas) se referia ao acto o articulista do semanário *O Districto de Faro*, 11/5/1882.

(25) *Idem*, ibidem.

(26) O Sr. Parkinson, nessa altura, desempenhava as funções de chefe da estação telegráfica inglesa, Eastern Telegraph Company.

(27) James Mason, súbdito britânico, nasceu a 24/7/1824 e morreu a 3/4/1903. Filho de James Mason do Condado de Norfolk e de Isabel Peowans, formou-se em Engenharia pela Escola de Minas de Paris e após transferir-se para Portugal distinguiu-se como concessionário das Minas de São Domingos, concelho de Mértola, intensificando a sua exploração. Tal procedimento valeu-lhe a atribuição do título de Barão de Pomarão, por decreto de D. Luís I datado de 24/1/1886. Tempos depois, o mesmo monarca, concedeu-lhe o título de Visconde de Mason de São Domingos, em duas vidas (para ele e seu herdeiro), por decreto de 7/12/1868. Por fim, seria elevado a 1.º Conde de Pomarão.

Seu filho, James Francis Mason, foi Visconde e 2.º Conde de Pomarão, e igualmente 2.º Visconde de Mason de S. Domingos. Morreu em 1929 e o título extinguiu-se definitivamente

(28) J. F. Guimarães, *op. cit.*, p. 22.

(29) Adaptação à nossa língua da designação francesa *mât de cocagne*, que se traduz por mastro de cocanha. Trata-se dum divertimento popular muito usado em feiras, romarias e arraiais, que consiste em trepar a um mastro, previamente untado de sabão ou sebo, em cujo topo se encontram amarradas as “prendas”, que eram normalmente presuntos, aves, bacalhaus, garrafas de vinho generoso, etc.

(30) in *Noticias do Algarve* de 20/5/1882.

(31) in *O Districto de Faro* de 11/5/1882.

(32) in *Notícias do Algarve*, de 20/5/1882. Neste mesmo semanário regenerador se acrescentava que o Dr. José Francisco Guimarães «*apesar da sua impertinente bronchite chronica, não querendo perder absolutamente nada dos festejos, lá estava*». Como bom vilarealense, que o era, não quis obviamente deixar de estar presente apesar da humidade da madrugada não ser nada favorável aos seus achaques bronquíticos.

(33) in *Notícias do Algarve* de 20 de Maio de 1882.

(34) *Idem*, ibidem.

(31) Segundo refere o *Progresso do Algarve* ali estiveram presentes entre outras individualidades o Dr. Mateus Teixeira de Azevedo com sua esposa, o Dr. delegado de Olhão, que presumo seja o Dr. Lourenço Ayres de Mendonça, o Administrador do concelho de Tavira, etc.

Sobre o Dr. Teixeira de Azevedo, natural de Alijó, convém referir que nesta altura chefiava a política do partido regenerador na cidade de Tavira. Por volta de 1885 foi promovido a juiz de 3.^a classe na vila do Sabugal, donde se transferiu para Olhão. Promoções sucessivas permitiram-lhe chegar a juiz da Relação. Entretanto, em 1887 seria eleito deputado, em oposição ao governo de José Luciano de Castro, pelo círculo de Vila Real de Santo António. Foi posteriormente reeleito nas legislaturas de 1889, 1890, 1894, 1899 e 1901 pelo círculo de Tavira. No último dos seus mandatos teve a honra de ser presidente da Câmara dos Deputados. Refira-se, para terminar, que igualmente nesta província desempenhou as funções de Governador Civil de Faro de 1893 até 1895.

(37) J. F. Guimarães, *op. cit.*, p. 18.

(38) Em *Apêndice* transcrevemos a referida composição poética que, de algum modo, se pode considerar como um documento ilustrativo do patriotismo romântico e do amor à liberdade sentido pelos espíritos da época.

(39) In *Notícias do Algarve*, de 20/5/1882.

(40) J. F. Guimarães, *op. cit.*, p. 19.

(41) Francisco Xavier Atháide de Oliveira, *Monographia de Villa Real de Santo António*, Porto, Livraria Figueirinhas, 1908, pp. 160-161.

(42) In *Notícias do Algarve*, 20/5/1882.